

Memória e futuro no envelhecer: histórias de vida em um serviço de convivência e fortalecimento de vínculos a partir do projeto de extensão universitária Sankofa

Larissa da Silva Sousa
Nara Maria Forte Diogo
Andie de Castro Lima

Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), cerca de 15% da população brasileira é composta por pessoas com mais de 60 anos, ou seja, quase 28 milhões de pessoas, cada uma com uma história única, mesmo que sob a égide do envelhecer (Rocha; Bós, 2021). Pensar nas possibilidades do envelhecimento no Brasil significa deparar-se com a distribuição desigual da longevidade, que prejudica as populações negras e pobres urbanas, menos assistidas por políticas públicas e mais expostas à violência (Rabelo *et al.* 2018).

O envelhecimento atua como um reflexo das contradições sociais, expondo o que a sociedade negligencia, desde as análises de Beauvoir (2018) até o atual cenário de reprivatização da velhice (Debert, 2012). No tensionamento entre o biológico e o cultural, o sujeito moderno tenta dominar a natureza, buscando neutralizar os efeitos do tempo sobre o corpo. Esse processo de apagamento é intensificado sobre as mulheres, cujos corpos tornam-se palcos de intervenções estéticas amplamente midiaticizadas e vigiadas (Sibilia, 2012; Teixeira; Batista, 2021). Contudo, o recorte de classe e suas intersecções étnico-raciais revelam um silenciamento ainda mais profundo, marginalizando aqueles que habitam as periferias geográficas e sociais. Assim, a tese de Beauvoir (2018) sobre o silêncio em torno da velhice permanece atual e se agrava à medida que as estruturas de opressão se cruzam.

As discussões sobre o envelhecimento costumam ancorar-se na dicotomia entre saúde e doença, representada pelos conceitos de senescência e senilidade. Contudo, tais estados não são fixos, mas processos constantes que demandam a compreensão de seus modos de produção (Rocha; Bós, 2021). Mais do que opor a autonomia da senescência à patologização da senilidade, é preciso questionar como essas categorias reforçam a valorização da independência em uma sociedade individualista. Envelhecer, enquanto processo plural e singular, transborda regularidades culturais; o encontro com a finitude é estritamente pessoal e contextualizado (Teixeira; Souza; Maia, 2021). Nesse sentido, o envelhecimento deve ser compreendido a partir das condições reais de existência, especialmente para aqueles que dependem do Estado como barreira contra a morte prematura.

O envelhecimento situa-se na fronteira entre a trajetória percorrida e a urgência do tempo presente. Nas periferias brasileiras, esse processo é atravessado pela escassez de políticas públicas que promovam o protagonismo social de idosos frente

ao esgarçamento de vínculos gerado pela pobreza (Rodrigues *et al.*, 2021). A violência e os processos de desapropriação desarticulam as relações de vizinhança tradicionais, forçando a reinvenção da existência em territórios que muitas vezes ignoram as memórias desses sujeitos (Silva; Barros, 2021). Nesse contexto, o trabalho com histórias de vida possibilita a circulação de saberes e memórias, permitindo que o sujeito e seu coletivo reconheçam aspectos inéditos de sua própria biografia e se apropriem de suas trajetórias (Todaro; Cachioni, 2021).

A Universidade Federal do Ceará, por meio do projeto de extensão *Sankofa*, no exercício ético-político da problematização do cotidiano de violência e pobreza e, especificamente no tocante à formação em Psicologia, abordando a escuta e o apoio àqueles que enfrentam estas realidades, ofereceu em 2019 oficinas voltadas para trabalhar com histórias de vida e de luta de 35 idosos e idosas moradores de uma das maiores regiões periféricas da cidade de Fortaleza. As oficinas ocorreram como parte das atividades do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), um dos serviços do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que sediou as atividades.

Conforme a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2014), o Serviço SCFV é uma oferta da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), realizada em grupos e organizada a partir de percursos que garantem aquisições progressivas aos usuários de acordo com seu ciclo de vida. Esta forma de intervenção social planejada cria situações desafiadoras que estimulam e orientam os indivíduos na construção e reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, tanto no âmbito familiar quanto no território. O serviço possui um caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos, buscando ampliar trocas culturais, desenvolver o sentimento de pertença e fortalecer os vínculos comunitários e a socialização.

Para a população idosa, o SCFV assume uma importância estratégica ao focar em atividades que contribuam para um processo de envelhecimento ativo, saudável e autônomo. A intervenção é desenhada para detectar necessidades e motivações, desenvolvendo potencialidades para novos projetos de vida e valorizando as experiências vividas como formas privilegiadas de expressão e proteção social. Além de assegurar espaços de encontro intergeracionais que promovem a convivência comunitária, o serviço atua diretamente na melhoria da sociabilidade e na redução de situações de isolamento social e de risco de institucionalização. Assim, ao potencializar a condição de escolher e decidir dos usuários, o SCFV fortalece o protagonismo e a autonomia, fundamentais para a manutenção da dignidade no envelhecer.

O objetivo deste relato é apresentar a experiência da extensão universitária junto a este serviço e as reflexões que daí surgiram em termos do processo de envelhecer, da importância do ressignificar a vida e dos laços comunitários.

Método

O projeto de extensão intitulado *Sankofa* ganhou este nome pela etimologia do termo. *Sankofa* tem origem nos povos Akan, da África Ocidental (especialmente em Gana), e é parte da simbologia Adinkra (Nascimento; Sá, 2009). O conceito é representado

visualmente de duas formas principais: um pássaro que voa para frente enquanto mantém a cabeça voltada para trás, carregando um ovo no bico (Figura 1). A palavra deriva dos termos *san* (voltar), *ko* (ir) e *fa* (buscar/trazer), traduzindo-se livremente como "não é tabu voltar atrás para buscar o que foi esquecido". No contexto do desenvolvimento humano, *Sankofa* fundamenta uma postura ética e política de ressignificação do presente e construção do futuro. Assim, elegeu-se essa simbologia para construir um projeto que trabalhe com histórias de vida e memórias junto à população idosa.

Figura 1: Representação gráfica de Sankofa



Fonte: Adinkra Symbols and Meanings (s.d.).

A noção de extensão que orienta esta proposta é de inspiração freiriana (Freire, 2014), entendendo a construção coletiva do saber nas trocas dialógicas que o campo suportaria e o deslocar do centro de produção do conhecimento para um espaço entre a universidade e o mundo, espaço este a construir e garantir. A inserção em campo é inspirada pela cartografia (Correa, 2009), cuja bússola criativa é de caráter processual, mapeando possibilidades e sensibilidades. Neste movimento, aqueles que desejam participar da proposta vão se aproximando, conhecendo e reescrevendo objetivos comuns e constituindo espaços/tempo de partilha mais perenes.

As estratégias foram inspiradas nas *Oficinas de Memórias Autobiográficas* (Cabral; Amaral; Brandão, 2009) e no projeto *Nossas Músicas* (Lourenço; Massi, 2011). O primeiro trabalhou com o registro das memórias e histórias de idosas e idosos tendo como foco sua vivência da cidade e o segundo mobilizou afetos a partir das músicas compartilhadas entre eles. Outras experiências são ainda apontadas por Correa (2009) na cartografia de seu percurso junto a um grupo de idosos. Envolvermos nas rodas de conversa a respeito das histórias categorizadas elementos artísticos e literários como músicas e contos, de modo a dialogar mais amplamente com as experiências constituídas por nós nas conversas. Em resumo, as etapas e estratégias podem ser nomeadas a seguir: 1) Supervisão: atividade contínua de orientação das atividades em conjunto com docente e extensionistas envolvidos. 2) Inserção: Participação nas atividades do CRAS envolvendo o grupo. 3) Trabalhando Histórias e Memórias: vivências grupais com os idosos em um momento de reflexão e produção a respeito de suas histórias e memórias.

O que alinhavou os objetivos da intervenção foram as linhas da própria vida, os caminhos que os levaram a ocupar aquele território, desde os deslocamentos de suas famílias, passando por suas vivências na infância até o traçado atual naquele tempo-

espaço. Cada temática era inicialmente abordada a partir de um disparador da reflexão sobre o tema. As temporalidades da vida foram então problematizadas desde os ancestrais, passando pela evocação das memórias infantis e adolescentes até o momento presente e o que ele anuncia. Como materialidades disparadoras utilizou-se desde músicas pertencentes ao universo semântico do grupo, fotografias, mapas, utensílios domésticos e outros objetos que se prestaram à reinvenção a partir dos olhares dos idosos. Outros materiais como panos, linhas, tintas, também fizeram a possibilidade de que marca deixada pelos eventos da vida fosse recontada e reeditada diante do acolhimento do grupo.

Participaram idosas e idosos que frequentam o grupo de Convivência e Fortalecimento de Vínculo do CRAS de uma zona periférica de Fortaleza: o Grande Bom Jardim. Cinco bairros formam essa região (Bom Jardim, Granja Portugal, Granja Lisboa, Canindezinho e Siqueira), que sofre por estigmas sociais relacionados à violência (CCBJ, s.d.).

Os encontros tinham como participantes cerca de 35 idosos com os quais os extensionistas se encontraram de março a dezembro de 2019, quinzenalmente. O grupo era formado majoritariamente por pessoas acima de sessenta anos, mulheres, tendo, em média, a presença de apenas três homens nos encontros. Contudo, o grupo também recebia pessoas de outras faixas etárias, como adolescentes e adultos que eram familiares de pessoas que frequentavam o serviço, sendo estes um percentual menor (em média duas pessoas por encontro). Um dos extensionistas bolsistas residia na área adscrita pelo CRAS, facilitando o *rapport*.

Resultados

Na discussão sobre a ancestralidade, os idosos e idosas remeteram-se sobretudo às diferenças de gênero e aos processos migratórios. A atividade proposta e a reflexão subsequente foram a intervenção em um mapa levado pela equipe de extensionistas, em que os idosos marcavam seus percursos e de suas famílias até chegar ao bairro atual. Além disso, foi pedido que levassem um objeto significativo da história familiar. Em seus relatos, trouxeram afirmações como “mulher não podia andar de calça comprida ou cortar o cabelo” que indicam a mudança de referencial das construções relativas ao gênero, que se fizeram questionar ao longo da vida, se não interrompendo o sexismo, mas afrouxando a rigidez dos papéis binários que lhes foram impostos. As diferenças intergeracionais entre eles e seus pais foram fontes de conflitos nas memórias sobre a família, no lidar com filhos e filhas, sendo operadas de modo diverso, com acolhimento de possibilidades mais amplas de decisões a respeito do próprio corpo e estética.

Quanto à infância, a reflexão foi embalada pelo convite à confecção da boneca de pano Abayomi, que é um símbolo de afetividade do povo negro (Gomes *et al.*, 2017). Essas escolhas dizem respeito aos trajetos já revelados nos encontros anteriores. A fome, perder os pais muito cedo, não ir para a escola foram algumas dentre outras dificuldades relatadas por eles. Assim, confrontar-se com a infância protegida que não vivenciaram e, olhar para a infância de netos que agora acompanham, permitiu um fluxo de emoções e significações sobre os direitos das crianças, suas brincadeiras, seus pontos de vista.

A Abayomi é um símbolo de resistência e afetividade e no grupo essa ideia surge ao presentear o outro com sua criação, entregando para alguém que considerasse importante em suas vidas. Alguns participantes a levaram para casa para entregar aos seus familiares e outros entregaram para outros participantes, bem como para um dos extensionistas, demonstrando a importância do grupo na vida dos usuários como rede de apoio e o fortalecimento dos laços afetivos.

As vivências e reflexões sobre a juventude trouxeram as temáticas dos relacionamentos e a construção da família, bem como o trabalho de modo mais evidente. Músicas do universo semântico do grupo foram escolhidas, *Xote das Meninas* e *É preciso Saber viver* interpretadas por Luiz Gonzaga e Roberto Carlos respectivamente, geraram um coral animado e dança ao final do encontro. A canção *É preciso saber viver* emocionou a muitos e pediram mais cópias da letra para poder entregar a outras pessoas como um gesto de carinho e apoio.

O momento presente de vida, o envelhecimento, foi trabalhado fugindo um pouco da lógica do envelhecer baseado em perdas e pensando em outros caminhos possíveis (Totorá, 2016). Foi construído o “ABC do envelhecer”, facilitando a circulação dos muitos significados do que seria envelhecer com saúde, do que é a saúde em seu conceito mais amplo, abordando os sujeitos, suas relações e contextos, bem como deixando em aberto as possibilidades dessa construção. Com isso, evitou-se prescrições a respeito de normas de boas condutas, tensionando o lugar de “especialista” no qual os universitários podem ser colocados e valorizou-se a criatividade daqueles que são autores do próprio processo.

Percebe-se como resultados que os diálogos fortaleceram o vínculo grupal tendo em vista as emoções despertadas e o lugar de sujeito da própria história ocupado nas falas de cada um e cada uma. Também, ao final dos grupos, sempre havia agradecimentos por essa escuta e trabalho, relatando o quanto era importante sentir os afetos, lembrar o que aconteceu e ver o que hoje eles são.

A necessidade de parar e ter momentos para chorar e conversar foi pontuada como importante, para o continuar seguindo em frente. Algumas demandas de apoio psicológico individual tiveram seu espaço de reconhecimento e foram encaminhadas para a rede de atendimento ao mesmo tempo em que os sujeitos permaneceram frequentando o grupo. Os extensionistas facilitaram ainda o trânsito das demandas entre idosos e CRAS, tendo em vista que se sentiram mais à vontade em relatar aspectos de suas vidas até então desconhecidos para a equipe técnica.

A equipe técnica responsável pelo SCFV replicou algumas das atividades vivenciadas em outros grupos do CRAS, com as devidas adaptações, com o material e as ideias trazidas pela extensão. Isto significa que a extensão incrementou suas possibilidades de trabalho. Uma das idosas pontuou a escassez daquele tipo de atividade, o que remete a um desmonte da política de assistência social, na qual não existem recursos suficientes para que possam ser feitas propostas mais criativas como as que estavam sendo possíveis para os extensionistas, que utilizavam material próprio. O material foi custeado pela professora coordenadora do projeto de extensão, uma vez que os recursos para a extensão universitária reduziram-se à bolsa recebida por um estudante.

Discussão

“A vida só é possível reinventada”, ensinou Cecília Meireles (1983, p. 195). A partir deste fragmento poético alinhava-se a justificativa deste projeto, cuja intenção é a de perceber e fomentar a reinvenção dos modos de envelhecer na contemporaneidade. Tal convite dirige-se àqueles que já vivenciam esta condição e parte daqueles que desejam saber mais a respeito de como acompanhar reinvenções que acordem potências e desejos. Entendemos que reinventar exige um revisitar, um ressignificar a vida, ato que exige fala e escuta. Conceição Evaristo, renomada escritora contemporânea idosa e negra, apresenta um modo de escuta e de escrita de histórias de vida: a “escrevivência” (Evaristo, 2011).

Seu trabalho aproxima e relaciona ouvinte, narradores e leitores conforme expressa no “Insubmissas lágrimas de mulheres”, texto que refere às lágrimas como as águas com as quais podemos fluir na ressignificação do passado presentificado a partir de sofrimentos e prazeres que irrigam um terreno/terreiro comum. Esse passado nunca é espelho do presente, como também ensina Conceição Evaristo que, em seu “Olhos d’água” (Evaristo, 2016b), refletindo o espelho d’água nos olhos de quem liberta a palavra na voz e no texto escrito. Assim, ondulando, permitindo-nos “leves enganos e parencças” (Evaristo, 2016a); não buscamos a exatidão do que foi, mas sentidos e sentimentos precisos e necessários às experiências transmissoras de vida. Como tatuagem em cima de cicatriz, almejamos conjuntamente refazer marcas, construir refúgios simbólicos, ressignificando corpos e lugares.

Sendo a obra de Conceição Evaristo um dos referenciais inspiradores das reflexões com e a partir deste grupo, entendemos que a reinvenção das possibilidades de envelhecer na periferia passa pelo fortalecimento dos vínculos e sobretudo, das políticas públicas que também podem mediar estas construções.

Ademais, demonstra-se que o SCFV pode consolidar-se como o espaço institucional estratégico para a viabilização das oficinas de memórias, atuando como um mediador essencial entre a universidade e a comunidade periférica. Ao oferecer uma estrutura baseada na Proteção Social Básica, o serviço permitiu a criação de um ambiente seguro para que 35 idosos e idosas do Grande Bom Jardim pudessem ressignificar suas trajetórias frente ao esgarçamento de vínculos provocado pela pobreza e pela violência urbana.

Como resultado, a integração das atividades extensionistas ao fluxo do SCFV potencializou o protagonismo dos participantes, que passaram a ocupar o lugar de sujeitos de suas próprias histórias através do compartilhamento de saberes e da circulação de afetos. Os resultados construídos demonstram que a atuação conjunta entre o serviço socioassistencial e a extensão universitária fortaleceu os laços afetivos e as redes de apoio comunitário, fundamentais para a manutenção da dignidade no envelhecer.

A escuta qualificada e o uso de disparadores lúdico-artísticos permitiram que os idosos elaborassem questões complexas sobre ancestralidade, gênero e as dificuldades vivenciadas desde a infância, resultando em uma maior apropriação de suas biografias e no reconhecimento de suas identidades como fonte de resistência. Além de beneficiar diretamente os usuários, a experiência qualificou o trabalho da

equipe técnica local e demonstrou a urgência de fortalecer políticas públicas que garantam espaços coletivos de cuidado e reinvenção da vida nas margens sociais.

Conclusão

A perspectiva interseccional do desenvolvimento humano para o envelhecer na periferia é esse olhar que cruza e cria complexidades e heterogeneidades. Cruza e reconhece os cruzamentos de categorias, de pensamentos, de lugares de fala (Ribeiro, 2017), visões de mundo. Este olhar é ainda cria da agudeza do pensamento do feminismo negro, de suas pontuações precisas sobre as hierarquizações de um mundo que desterra mulheres negras e de um mundo que estas mulheres recriam ao se porem a caminho de si mesmas (Akotirene, 2018).

Essa fonte do pensar brota de um lugar ancestral, entendendo que ancestral é anterior, é antigo e é recuperado em fragmentos, refeito e reconstituído como o povo negro ao se refazer cotidianamente do que os assalta dentro e fora de suas casas e de suas almas. É lugar adivinhado no que insiste em libertação, no que explode em beleza, no que não pode deixar de ser o que é.

Ainda na paisagem que desenhamos, da vida como um rio — lugar de fluir permanente — sobrevoa e abençoa *Sankofa*, o pássaro da simbologia africana Adinkra, aquele que retorna ao passado para ressignificar o presente e refazer o futuro (Nascimento; Sá, 2009). Sublinhamos aqui o refazer o futuro, esta noção paradoxal, para surpreender na temporalidade linear, aquilo que presentifica o futuro, que o adivinha. No gerar/gerar memórias, um tempo de abertura e espera, um tempo de ouvir e compor com idosos e idosas, passados e futuros no hoje. O projeto, portanto, convidou a retomar o passado e a marcar um encontro com o futuro.

Referências

ADINKRA MEANINGS AND SYMBOLS. **Sankofa**: Meaning, Symbolism, and the Wisdom of Looking Back. [s. d.]. Disponível em: <https://www.adinkrasymbols.org/symbols/sankofa/>. Acesso em: 23 abr. 2026.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?**. Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2018. 144 p.

ÁVILA TODARO, M.; CACHIONI, M. O legado de Paulo Freire sobre a velhice: história de vida e o contexto brasileiro atual. **Práxis educativa**, [s. l.], v. 16, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16554.047>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. [1986]. 600 p.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**: Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009. Reimpressão. Brasília, DF: MDS; Secretaria Nacional de Assistência Social, 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf. Acesso em: 22 abr. 2026.

CABRAL, P.; AMARAL, R.; BRANDÃO, V. Oficinas de memória autobiográfica. Conversando com idosos: o registro das memórias vivas. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 12, n. 1, p. 257-274, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2009v12i1p%25p>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CCBJ – Rede Livre. **Grande Bom Jardim: território e contexto social**. [S. l.], [2022?]. Disponível em: <http://ccbj.redelivre.org.br/grande-bom-jardim-territorio-e-contexto-social/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009. 125 p.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 2. ed. São Paulo: Fapesp, 2012. 272 p.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres: (contos)**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 120 p.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e pareanças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a. 106 p.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016b. 116 p.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014. 128 p.

GOMES, E. C. *et al.* A boneca Abayomi: entre retalhos, saberes e memórias. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1984-1191.75745>. Acesso em: 11 jul. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 141 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **População por idade e sexo (Pessoas Idosas - 60 anos ou mais de idade)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/blob/baixar/36065>. Acesso em: 20 abr. 2026.

LOURENÇO, R. C. C.; MASSI, G. **Linguagem e Velhice: considerações acerca do papel da escrita no processo de envelhecimento**. Curitiba: Juruá Editora, 2011. 112 p.
MEIRELES, C. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 312 p.

NASCIMENTO, E. L.; SÁ, L. C. (org.). **Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos**. Rio de Janeiro: IPEAFRO; Pallas Editora, 2009. 216 p.

RABELO, D. F. *et al.* Racismo e envelhecimento da população negra. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 193-215, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/2176901X.2018v21i3p193-215>. Acesso em: 18 jan. 2022.

ROCHA, J. P.; BÓS, A. J. G. (org.). **Perfil dos idosos e longevos do Brasil: análise da pesquisa nacional de saúde - IBGE 2013**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. 888 p.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 68 p.

RODRIGUES, D. C. *et al.* Políticas Públicas Gerontológicas: Desafios, lacunas e avanços, uma revisão da literatura. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 24, p. 203-220, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/53774>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, Mídia e Consumo**, [s. l.], v. 9, n. 26, p. 83-114, 2012. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/345>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SILVA, E. N. S.; BARROS, J. S. M. Envelhecer na Periferia. História, conceitos e concepções sobre o processo de envelhecimento. **Revista Longevidade**, [s. l.], v. 3, n. 9, p. 109-115, 2021. Disponível em: <https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/875/935>. Acesso em: 18 jan. 2022.

TEIXEIRA, D. P.; BATISTA, F. L. A. (org.). **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento, corporalidade e mídia**. Catu: Bordô-Grená, 2021. 120 p.

TEIXEIRA, S. M. O.; SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M. Ageísmo institucionalizado: uma revisão teórica. **Revista Kairós: Gerontologia**, [s. l.], v. 21, n. 3, p. 129-149, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2018v21i3p129-149>. Acesso em: 18 jan. 2022.

TOTORA, S. **Velhice – uma estética da existência**. São Paulo: Educ, 2016. 230 p.

Data de recebimento: 23/04/2026; Data de aceite: 15/06/2026

Larissa da Silva Sousa - Bacharela em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID ID: 0000-0001-8539-4800. E-mail: larissa_sousa@alu.ufc.br.

Nara Maria Forte Diogo - Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC. ORCID ID: 0000-0001-5040-1492. E-mail: narafdiogo@gmail.com.

Andie de Castro Lima - Mestra e doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID ID: 0000-0003-1469-8529. E-mail: lima.castro94@gmail.com.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.